



UM OLHAR SOBRE A LIDERANÇA SURDA: A INFLUÊNCIA DE LÍDERES NA VIDA DE SURDOS PERTENCENTES À ASSOCIAÇÃO DOS SURDOS DE PELOTAS.

SANTOS, Taiane S¹;

*¹Especialização em Educação – FaE/UFPeI
taianessantos@ibest.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A história da educação dos surdos é permeada por sofrimentos, lutas, rupturas e conquistas. Anteriormente, a maior parte dos estudos direcionados aos surdos era vista pelo lado da medicina e estavam ligados à falta de audição e à deficiência. Hoje os estudos tomaram mais força e estão possibilitadas novas formas de ver o surdo, nas quais ele é caracterizado por uma identidade cultural, o compartilhar de uma língua e experiências visuais.

A presente pesquisa reflete sobre movimentos surdos, sobre a trajetória de surdos pelotenses na luta de seus direitos e, principalmente, na construção de uma militância surda e na criação de líderes a serem seguidos. Esse trabalho localiza-se no campo teórico dos Estudos Surdos¹, tendo como embasamento autores que centralizam seus estudos na cultura e nas identidades surdas, além de enfatizar o respeito ao direito à diferença cultural e linguística.

Neste trabalho busco um resgate de vivências, de lutas, conquistas e trago uma reflexão sobre o outro e sua diferença, além de mostrar as reivindicações dos surdos quanto ao direito de ser um cidadão que utiliza a língua de sinais e possui uma identidade surda.

A análise dos documentos da pesquisa mostra a representação do que é ser um líder surdo, sua valorização como um exemplo a ser seguido, sua formação e sobretudo a importância do seu papel dentro da comunidade surda. A pesquisa destaca os movimentos surdos direcionados por líderes surdos e os efeitos desse processo na construção e na transformação política e social da comunidade surda de Pelotas.

¹ Estudos Surdos – “Um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções lingüísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma apropriação – com os conhecimentos e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos” (SKLIAR, 1998, p.29).

2. METODOLOGIA (Materiais e Método)

Meu objetivo através desse projeto foi conhecer o processo organizacional e político dos líderes surdos pertencentes à Associação dos Surdos de Pelotas (ASP), Rio Grande do Sul. Por isso fiz uma investigação com o intuito de verificar a organização política da ASP e através de observações pude conhecer algumas temáticas emergentes no cotidiano desta associação. Percebi que o movimento da associação tem a intenção do encontro entre os seus iguais, da comunicação livre e do lazer.

Este trabalho tem embasamento em uma pesquisa qualitativa, no qual utilizei instrumentos de observação na ASP, registrados em diário de campo, entrevistas semi-estruturadas (filmadas e transcritas com ajuda de um profissional tradutor/intérprete de LIBRAS) com dois líderes surdos pertencentes à ASP — um líder atual e um outro de uma fase anterior —, além de uma análise documental com dados desde o surgimento da associação. Meu enfoque é na liderança surda e na importância da união dessa comunidade minoritária que busca o valor à diferença cultural.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao observar a ASP percebi que para a transmissão de valores e padrões se faz necessária a presença de representantes, principalmente se for uma comunidade minoritária, como é o caso dos surdos. Essa parcela da população tem se desenvolvido histórica e significativamente, pois há uma articulação entre cultura e liderança que possibilitou informações e conhecimentos a todas as comunidades surdas que se identificam culturalmente. Isso tem proporcionado ao surdo acesso à educação e à ascensão social, além de poder mostrar sua capacidade de fazer coisas de forma autônoma, sem dependência.

Através de conversas com os surdos da ASP e das entrevistas feitas com as lideranças, pude identificar a importância dos líderes surdos pertencentes à associação de Pelotas; eles os julgam modelos a serem seguidos. Os líderes são os que possuem e divulgam informações da cultura surda, enfim são aqueles que lideram o grupo, fazem reuniões para explicar novos conhecimentos, estimulando outros surdos a serem fortes também.

Graças ao empenho de criar associações de surdos é que esse povo pode unir-se e fortalecer-se a ponto de formar lideranças surdas e ir em busca de suas conquistas. Hoje, apesar de poucos incentivos para essas associações, é observável um grande crescimento na comunidade surda, principalmente na área da educação e da inclusão social. É grande o índice de alunos surdos inseridos nas faculdades. Outra preocupação atual dos jovens surdos tem sido sobre o seu futuro no mercado de trabalho. Logo, é visível um grande esforço para fazerem a diferença dentro de sua comunidade, tanto na educação, como no trabalho, na saúde e na comunicação.

O surdo que antes era visto pela sociedade em geral como deficiente vem mostrando sua competência na participação das decisões políticas, sociais e educacionais para os surdos, conquistando o direito de se inserir no mundo como um

sujeito agente, político e participativo. Como argumenta Strobel (2008, p. 85): “Os povos surdos estão cada vez mais motivados pela valorização de suas “diferenças” e assim respiram com mais orgulho e riquezas de suas condições culturais”.

Assim, essa comunidade tem mostrado que não aceita mais ser tratada como inferior ou atrasada. Os surdos têm se unido e com isso formado lideranças que estão enaltecendo a história dos surdos na construção de um povo forte, com interesses compartilhados e, sobretudo, com uma identidade própria que busca o direito de ser respeitada.

Além da ASP, os surdos se encontram nas escolas, a qual sempre foi um local de encontro entre eles e um espaço de movimentos políticos por uma identidade e disseminação de sua cultura. Geralmente esse é o primeiro local onde os surdos se encontram, visto que a família dos surdos nem sempre procuram a associação de surdos e sim a escola, pois associação remete a lazer, enquanto a escola visa educar, além de ser obrigatória.

A escola sempre será um espaço de encontro surdo, pois, além de ser ela a primeira instituição onde muitos têm a chance de conviver e de se auto-identificarem com outros surdos, é também um espaço de convivência acima de qualquer suspeita. Ninguém duvida das “coisas boas” que devem ser aprendidas na escola, mas muitos podem duvidar do que é feito e aprendido em um espaço não-escolarizado de encontros surdos (LOPES; VEIGA-NETO, 2006, p. 96).

Nesse sentido, a escola, além de desenvolver um trabalho pedagógico na vida dos surdos, tem também funcionado como um espaço de formação de comunidade e de militância, muitas vezes é nela que são criados modelos surdos a serem seguidos.

Atualmente um outro ponto de encontro entre surdos tem sido a Internet: quaisquer novidades que algum surdo saiba sobre os surdos do mundo é logo divulgada para todos os outros². Sem dúvida, essa união foi que proporcionou e continua proporcionando a vitória dessa comunidade.

Portanto as lutas desse povo e os encontros de líderes acontecem mais no âmbito escolar, suas reivindicações estão sendo feitas nas escolas, em palestras, nas divulgações via Internet e na mídia, estão se utilizando desses mecanismos e se inserindo no mundo ao qual pertencem. Logo, foi visível que não é só na associação que se encontram, até mesmo porque hoje as pessoas estão mais em movimento, ou seja, sem muito tempo. Os surdos, assim como a maioria das pessoas, trabalham e estudam, logo lhes resta pouco tempo para estarem na ASP, porém isso não os impede de estarem sempre em contato uns com os outros, seja no local de trabalho, de estudo ou pela Internet. É perceptível que a associação é um local deles, onde compartilham sua cultura, é a representação de um ideal comum do grupo, que está sempre pronta a acolher sua comunidade.

² Interessante ressaltar que os avanços das tecnologias da informação têm possibilitado aos surdos outros espaços de trocas, de comunicação e de compartilhamento de marcas identitárias que extrapolam o local, como eram anteriormente efetivadas as experiências entre os surdos.

4. CONCLUSÕES

Com a pesquisa ficou perceptível que o movimento oriundo de associações possibilita a inserção do surdo como sujeito agente do mundo que pertence. A intenção é que essa pesquisa possa contribuir no entendimento dos processos que levam à valorização dos movimentos de lutas e conquistas surdas.

Percebi que a história do povo surdo pelotense só exige respeito às diferenças, levando-me a refletir que isso não precisaria ser a principal luta dos surdos se as pessoas entendessem que o respeito às diferenças é um dever do ser humano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOPES, Maura Corcini; VEIGA-NETO, Alfredo. Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. In: **Revista Perspectiva**. Florianópolis: UFSC, v. 24, n especial, p. 81 – 100, jul/ dez, 2006.

SKLIAR, Carlos. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre/RS: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2008.